

# Cartografia Social

## FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL





# Apresentação

## JUBILEU SUL BRASIL

A Rede Jubileu Sul Brasil é composta por 26 organizações membro: coletivos, movimentos sociais, organizações populares e ecumênicas, política não partidária, de comunidades, militantes, pessoas que atuam na educação popular, mulheres, jovens, pessoas do campo, indígenas, grupos que estão unidos na defesa dos direitos humanos e sociais. Atuamos há 25 anos como movimento global pelo cancelamento, reconhecimento da ilegitimidade e repúdio às dívidas públicas externas, internas, exigindo a reparação e restituição do imenso dano que provocam aos países endividados e ao desenvolvimento humano, social, ambiental, político e econômico dos povos. Entendemos que nós, os povos, somos os verdadeiros e as verdadeiras credoras!

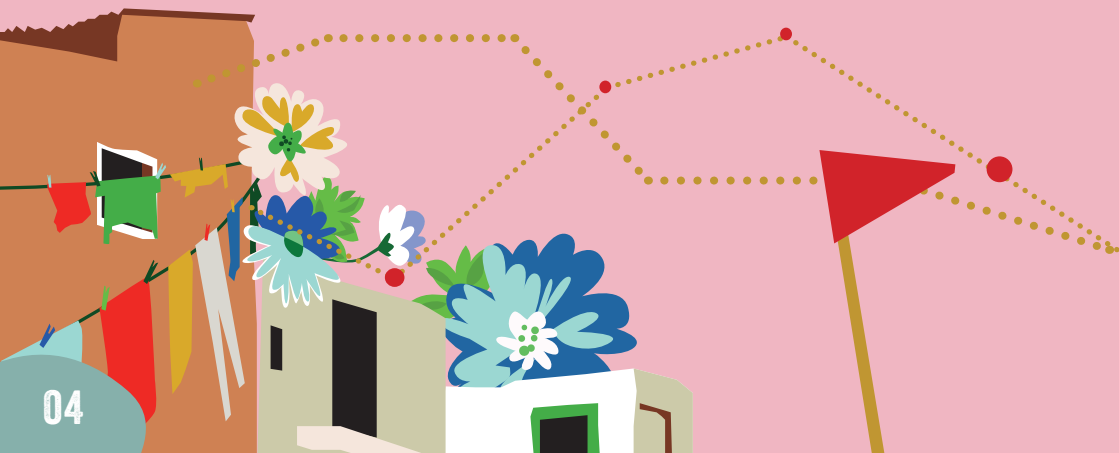
Nossa ação está fortemente inserida na mobilização, articulação, educação popular, fortalecimento das lutas e resistências territoriais e contra toda forma de exploração, violência e violações provocadas pela submissão de nossos países ao modelo capitalista, tais como o endividamento público que é estruturante do sistema, a militarização, os acordos de livre comércio que atentam contra os direitos humanos e a soberania dos nossos povos.



Propomos uma integração fundamentada na promoção da vida digna para todas as pessoas, baseada nos valores do respeito à diversidade cultural dos povos e na solidariedade internacional. Defendemos uma sociedade pautada no enfrentamento às desigualdades e às perdas humanas, sociais, ecológicas, financeiras e políticas provocadas pelo sistema da dívida e a sua vinculação com as demais políticas de livre comércio, privatização, guerra, militarização, extrativismo e violação sistemática dos direitos humanos. Nessa perspectiva, buscamos o reconhecimento da ilegitimidade da dívida através da investigação integral e por reparações.

Nosso ponto de partida baseia-se na compreensão de que as violações de direitos não são consequência, mas condição de uma lógica econômica, pautada pelos aspectos já mencionados. Trata-se de uma estratégia de quem tem poder e dinheiro para se apropriar dos recursos naturais, nossos bens comuns, que se efetiva despedaçando, destruindo, degradando, matando e explorando os direitos das pessoas e da natureza.

Direitos, lucro e dívida são uma equação que já comprovamos o resultado. Nesta equação a igualdade esperada pelas elites se obtém por menos direitos para a população que deles necessita e mais lucros para quem vive da exploração das pessoas, os especuladores e banqueiros que tem na dívida pública o seu cartão de crédito sem limite. Portanto, o resultado só pode ser mais dívidas.



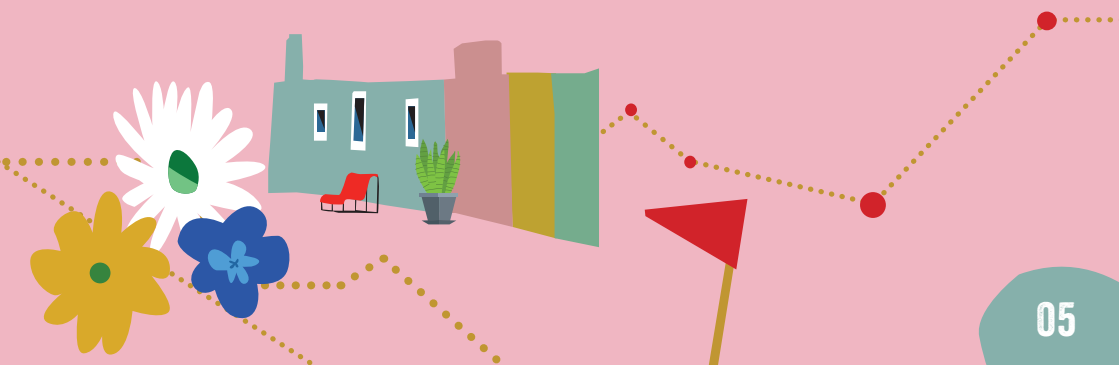


As dívidas financeiras, sociais, ambientais, humanas e políticas daqueles países pobres, em situação de pobreza ou altamente endividados como o Brasil, são mantenedoras de todas essas violações de direitos, desde a sua origem, foram contraídas mediante pressão, suborno, ciladas, ilegalidades e condicionalidades.

A Rede Jubileu Sul Brasil assume o compromisso de lutar e fazer o enfrentamento a este sistema, compartilhando-a com suas entidades membro por se identificar, ao longo de sua história, com a luta por uma sociedade igualitária, a partir de suas dimensões de raça e classe, mobilizando, fortalecendo e articulando a produção de pensamento crítico por meio da educação popular. Acreditamos que dessa forma as atuais dinâmicas de opressão do modelo capitalista e a exploração sobre os corpos, territórios e a vida das pessoas serão banidas.

## ➤ Para além da igualdade de gênero, a autonomia feminista ➤ se constrói também em relação ao Estado e ao Capital. ➤

Partindo dessa compreensão e dos princípios da educação popular como pilar para a formação de lideranças, para o fortalecimento do protagonismo das mulheres, jovens e comunidades, utilizamos a metodologia de cartografia social e popular para levantamento dos problemas das comunidades, dos territórios, e junto com os sujeitos principais, as pessoas que vivem nestes locais, construir soluções a partir de um plano de ação e resposta.



# AÇÃO MULHERES

A Rede Jubileu Sul Brasil atua com cinco eixos de trabalho, sendo um deles Mulheres e Territórios. É neste lugar que se localiza a “Ação Mulheres por reparação das dívidas sociais” e o trabalho territorial. A iniciativa prioriza o fortalecimento das mulheres, a formação e a ação pautada em um plano de resposta, elaborado a partir da educação popular tendo como metodologia a cartografia social.

Em 2017 iniciamos uma ação piloto com trabalhos localizados em São Paulo, Minas Gerais e Fortaleza com essa metodologia de cartografia social. Comprovamos que ela contribui para a organização, articulação e elaboração de um plano de ação desde as comunidades, para o enfrentamento dos problemas identificados pelas pessoas que nelas vivem.

A concepção desta ação parte da premissa de criar sinergia para atuar em comunidades através da formação, educação popular e fortalecimento das mulheres para que atuem diante dos diferentes problemas e conflitos em torno das lutas populares, acesso aos direitos fundamentais, como o direito à terra e à moradia digna, que constituem uma questão histórica no país, seja na cidade ou no campo, e que estão no centro da desigualdade social, com forte impacto na vida das mulheres. Em 2021, em plena pandemia de Covid-19, demos continuidade a este trabalho ampliando para outros territórios. Desta vez focamos o trabalho em áreas de ocupações, com o recorte do direito à moradia, especialmente dialogando com as dívidas sociais, tendo como prioridade de ação as mulheres. A Ação Mulheres busca criar sinergia para a prevenção e mediação de conflitos urbanos por reparação das dívidas sociais, com foco nas dimensões de gênero, classe e raça e etnia.

O trabalho acontece em sete territórios e em parceria com diversas organizações e movimentos sociais, dentre elas as entidades membro do Jubileu Sul, tais como: Movimento dos Conselhos Populares, em Fortaleza (CE); Rede Feminista, em Belo Horizonte (MG); Rede Emancipa,

em Porto Alegre (RS); Semana Social Brasileira e Cáritas Brasileira em Manaus (AM); Cáritas Brasileira Nordeste 3, em Salvador (BA); Central de Movimentos Populares no Rio de Janeiro (RJ); e Sefras – Serviço Franciscano de Solidariedade, em São Paulo (SP). Nestas cidades, ao longo de três anos (2021-2023), inúmeras parcerias foram estabelecidas com outras entidades, movimentos sociais e organizações populares.

A metodologia de trabalho combina processos formativos e de comunicação popular, ações de incidência e mediação dos conflitos urbanos, com enfoque para o empoderamento e fortalecimento das mulheres. A partir da cartografia social segue-se para a elaboração de planos de resposta aos problemas identificados pelas comunidades, assim como indica-se os passos na busca por soluções, seja desde dentro da comunidade ou com gestores/as e demais órgãos, como a Defensoria Pública e Ministério Público. O trabalho consiste na construção de espaços para a mediação dos conflitos e de negociação com as autoridades públicas para resolução das demandas emergenciais da população, especialmente nos locais onde ainda não existe esse espaço, ao mesmo tempo em que investe fortemente no fortalecimento da organização autônoma das mulheres e das juventudes.

A Rede Jubileu Sul através da Ação Mulheres tem dialogado e fortalecido a luta das mulheres que estão envolvidas especialmente nestas comunidades para o enfrentamento a esta realidade de restrição de direitos. Os conflitos em torno do acesso à terra e à moradia digna constituem uma questão histórica no país, na cidade e no campo, e foram acentuados com a explosão da urbanização no Brasil. Os conflitos urbanos são originados pela contradição entre a garantia do direito à moradia e os interesses da especulação imobiliária e que se fundamenta no direito à propriedade privada, sem respeitar a função social da propriedade. Houve ainda um aumento da desigualdade social e da concentração de renda e de terra. Por isso, entendemos que o direito à moradia é uma dívida social histórica e lutamos por reparações frente a esta violação sistemática, além da imensa dívida social a ser reparada com as mulheres, em particular.

A “Ação Mulheres por reparação das dívidas sociais” atua no campo organizativo, onde há inúmeros movimentos sociais, comunitários e populares e fóruns que reúnem, tanto os grupos autônomos de moradores das ocupações e assentamentos humanos, quanto instituições públicas e sociais envolvidas com o tema. A organização das mulheres faz a diferença na luta e na organização desde dentro das ocupações e para a sociedade, pois elas são a maioria da população e dentro das ocupações não é diferente.

A reparação das dívidas sociais no Brasil exige a construção de políticas públicas que enfrentem as desigualdades sociais, principalmente na questão de gênero.

## PRIORIZAMOS A EDUCAÇÃO POPULAR

Uma ação que tem na centralidade a defesa dos direitos humanos e o protagonismo das mulheres nos territórios, prioriza incondicionalmente o método de educação integral e popular, que reconhece os saberes e experiências dos sujeitos e suas realidades culturais, sociais, econômicas e religiosas, na construção de novos saberes. Sendo assim, o diálogo, a construção compartilhada do conhecimento; o afeto, a problematização, é fundamental para construção do projeto democrático de enfrentamento e superação às dívidas sociais e as desigualdades sociais.

Avançando ainda mais em ferramentas que possibilitam essa interação apresentamos a cartografia social e suas habilidades vivenciadas na Ação Mulheres. Como toda ferramenta de trabalho, os aprendizados do caminho trazem perspectivas de formas de utilização do método, surpresas na trajetória e potencial de autocrítica na aplicação e na construção das cartografias.

  
**Vamos juntas?**



# Cartografía Social



# DO QUE ESTAMOS FALANDO?

A cartografia social surgiu no final do século 20, juntamente com as representações cartográficas que passaram a contemplar a participação de populações locais nos processos de produção de mapas, tendo como princípio o mapeamento e envolvimento de agências governamentais, organizações não governamentais, povos e comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, dentre outras populações.

Pode-se dizer que a cartografia social remete à conceitos e metodologias que almejam a construção de conhecimentos, a partir de técnicas e experiências do convívio social, dependendo da participação e do compromisso social no processo de construção dessa cartografia.

É fundamental observarmos que um dos objetos da cartografia são os mapas e suas capacidades de trazer elementos para além do tamanho e quantidade de pessoas que existem no território, mas avança no processo social e político de compreensão da realidade local, a partir dos diferentes desafios da existência. A cartografia social possibilita a politização dos mapas, que antes eram dominados por estratégias e técnicas, que como falávamos anteriormente eram controladas por agências governamentais e empresas multinacionais. Nesse sentido, os mapas são incorporados às lutas sociais, destacando fatores étnicos, religiosos, de gênero, classe e as disputas por recursos naturais. Através da produção dos mapas, as lutas pela apropriação dos espaços físicos se tornam visíveis, com o objetivo de garantir os direitos territoriais previstos constitucionalmente.

*Oficina Nacional de  
Cartografia Social  
realizada pela  
Rede Jubileu Sul Brasil  
em de julho de 2018  
Foto: Arquivo JSB*



Em síntese, a cartografia social valoriza a construção do conhecimento popular, simbólico e cultural, através da participação coletiva, onde diferentes grupos sociais expressam seus anseios e desejos. No Brasil, a cartografia social tem contribuído ao longo do tempo para garantir conquistas, como o reconhecimento de identidades coletivas, direitos étnicos, preservação de práticas culturais ancestrais e demarcação territorial.

Podemos dizer também que a cartografia é um mapa, um levantamento de informações, de como vemos e sentimos o lugar onde moramos. Cartografar é mapear um conjunto de informações do bairro, comunidade ou território que nos orientem para pensar coletivamente em algumas estratégias para chegarmos ao bairro, comunidade ou território que desejamos e temos direito. Realizar a cartografia social ajuda a pensar em soluções, mapear os desafios, as ausências e soluções que podemos alcançar conjuntamente.

Cartografar é termos a carta, a cara do bairro, comunidade ou território, sob outra perspectiva. Na perspectiva de quem vive nesse lugar. A cartografia é uma forma de expressão ou representação de um território, de uma rua, de um bairro, de uma cidade, do lugar onde moramos, que pode ser utilizada para um determinado fim. Como reivindicar demarcação, equipamentos públicos, assentamento, regularização fundiária, e tantas outras finalidades.

## CARTOGRAFIA SOCIAL E PLANEJAMENTO QUAL A RELAÇÃO?

A cartografia também é entendida como uma nova ferramenta vinculada ao planejamento e transformação social, sendo utilizada para a pesquisa-ação-participativa e o desenvolvimento comunitário. Ela é praticada em oposição ao modelo hegemônico, sendo uma construção territorial na qual as relações de poder são transformadas a partir da participação ativa dos habitantes do território, buscando orientar as políticas implementadas com base no interesse coletivo.

# PROCESSO DE MAPEAMENTO SOCIAL SE BASEIA EM QUÊ?

Na representação da comunidade, na atribuição de nomes aos lugares e na criação de símbolos, utilizando sistemas de representação do conhecimento local. Esses mapas não se limitam aos meios de comunicação oficiais, permitindo que as vozes e perspectivas das comunidades sejam compartilhadas e valorizadas.

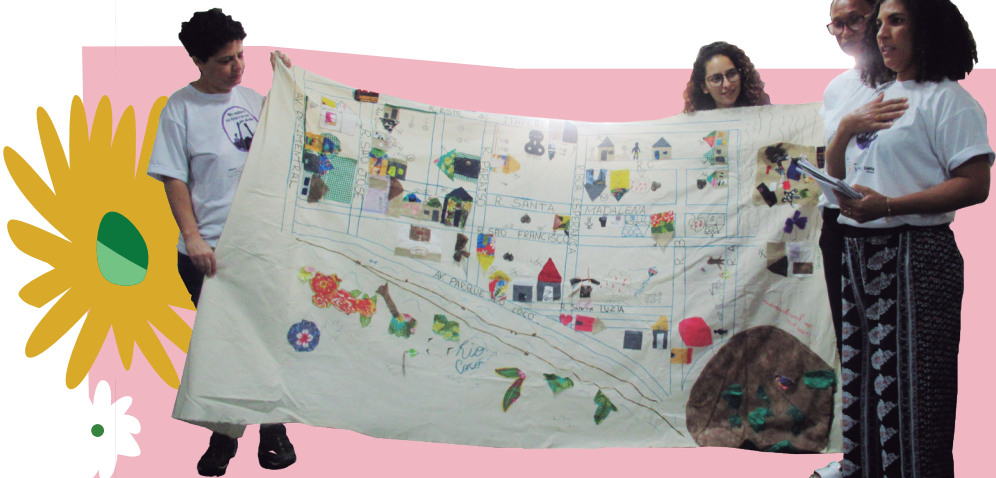
**Entendemos que a cartografia social é uma metodologia de olhar o lugar onde moramos não no aspecto técnico, mas no aspecto político daquele território.**

Ou seja, vamos cartografar a realidade do bairro, comunidade ou território. Ela vai ser o resultado da nossa observação, junto com a análise da realidade, para atingirmos os objetivos que queremos, identificando o todo daquele território, as ausências, as pertencas, quem somos naquele espaço, as necessidades e possibilidades.

A diferença dessa para outras cartografias, como a que mencionamos no início, usada por universidades, por exemplo, é que ela vai trazer o olhar de cada uma de nós, especialmente das mulheres que pertencem a este espaço. A ideia é compartilharmos o modo como enxergamos a realidade do local onde vivemos. Se fizermos uma experiência dessas também com a participação dos homens, vocês vão ver a diferença entre o que eles enxergam e o que não enxergam. Assim também acontece na experiência com a participação das juventudes e das crianças. A cartografia social popular nos ajuda a perceber o espaço a partir do nosso olhar. É por isso que a definimos como uma cartografia social e popular.

Neste trabalho realizado na Ação Mulheres da Rede Jubileu Sul Brasil, estamos trabalhando com as mulheres, por isso, a perspectiva tem um olhar feminista, e como nós mulheres vemos os problemas onde vivemos e as soluções.





Oficina Nacional de Cartografia Social realizada pela Rede Jubileu Sul Brasil em julho de 2018  
Foto: Arquivo JSB



Em resumo: a cartografia social traz uma visão do bairro, comunidade ou território, a partir do olhar de cada pessoa, considerando as relações que se estabelecem nele: políticas, culturais, comerciais, religiosas, sociais e subjetivas.

## Por meio da cartografia social:

- A** Identificamos o que existe de equipamentos públicos como escola, creche, posto de saúde, hospitais, parques, praças, etc., e se esses equipamentos dão conta das necessidades ou problemas das pessoas e das famílias, e o que falta de serviços públicos no local.
  
- B** Discutimos sobre os problemas e necessidades, ao mesmo tempo em que identificamos com quem podemos contar para enfrentar os problemas identificados: possíveis parcerias, alianças estratégicas, apoios.

# Nossa prosa

## CONTEXTUALIZANDO

As mulheres decidiram unir forças para melhorar a vida de todas as pessoas que vivem na ocupação. Joana deu o primeiro passo e convidou a comunidade para fazer a cartografia social. A pequena Marina participou da mobilização desde o primeiro momento e contribuiu com a sua percepção de criança a identificar os problemas locais.



**Joana:** Nossa ocupação enfrenta tantos desafios. É difícil viver aqui.

**Marina:** Sim, falta iluminação nas ruas e os espaços são apertados.

**Tati:** Precisamos entender melhor nossa ocupação e encontrar soluções para os problemas.

**Joana:** Acho que a cartografia social pode nos ajudar. Podemos estudar o local em que vivemos.

**Tati:** Por meio da cartografia social podemos identificar todas as dificuldades que enfrentamos.

**Marina:** E podemos mostrar para as autoridades locais o que precisamos.

**Joana:** Estamos unidas e determinadas a lutar por uma ocupação melhor.



# CARTOGRAFIA SOCIAL A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR

Iniciamos este material afirmando que priorizamos a educação popular. Agora que entendemos melhor sobre a cartografia social, vamos aprofundar um pouco mais sobre educação popular?

A história escrita e contada muitas vezes se baseia nas narrativas das versões dos “vencedores”, deixando de lado a autonomia dos sujeitos, mulheres e homens que lutam pelo território. Portanto, é essencial considerar a autonomia desses sujeitos, no processo de “contar e escrever” sua própria história como elemento central na construção de uma nova hegemonia. Como destaca Paulo Freire em relação à construção da autonomia, o melhor ponto de partida é sempre compreender que somos seres humanos em constante desenvolvimento.

O mapeamento social ou a cartografia social vai além de uma representação espacial da comunidade em forma de imagem. É uma descrição discursiva dos símbolos, das relações sociais, da ocupação do território, dos conflitos e das perspectivas das lutas. Trata-se de um documento descritivo da comunidade por meio de discursos, imagens fotográficas e mapas que representam a realidade. São construções socialmente elaboradas de um espaço que também é moldado pela comunidade.

Diante das possibilidades da pluralidade e das dimensões que o mapa oferece, surgem as questões:

- **Como o mapa se torna um recurso pedagógico e um instrumento da educação popular?**
- **Qual é a sua contribuição para a luta nos territórios?**
- **Como organizar os elementos presentes no território para dar visibilidade à luta?**
- **De que maneira podemos contar com esse instrumento político?**



## Nossa prosa

### CONTEXTUALIZANDO

Após as primeiras reuniões organizadas por Joana, outras mulheres também se animaram para lutar por seus direitos e agora percebem como o processo da cartografia social tem mudado a realidade onde vivem.

**Ana:** Sabe, amiga, tenho lido muito sobre a cartografia social e a educação popular ultimamente. É incrível como essas abordagens têm o poder de transformar realidades e dar voz às comunidades.

**Val:** É verdade, a cartografia social permite que as pessoas expressem seus anseios e desejos de forma coletiva, valorizando o conhecimento popular e cultural. É uma ferramenta poderosa para fortalecer a autonomia das comunidades.

**Ana:** Exatamente! Com a cartografia social as pessoas têm o poder de contar e escrever a própria história, rompendo com a hegemonia da história contada pelos “vencedores”. E a educação popular entra nessa história de uma forma muito importante. Ela incentiva a participação ativa das pessoas na construção do conhecimento sobre seus territórios.



**Val:** É isso mesmo! A educação popular e a cartografia social caminham juntas, promovendo a reflexão crítica sobre as estruturas de poder. Empoderam as pessoas para que se tornem agentes de transformação em suas próprias realidades.

**Ana:** Além disso, incentivam a mobilização popular. É uma forma de luta por direitos, identidades e justiça social. Vamos continuar nos informando e discutindo sobre esses temas. Juntas, podemos fazer a diferença. Estamos no caminho certo!



# CARTOGRAFIA SOCIAL FERRAMENTA DE SABERES

A cartografia social emerge como uma poderosa ferramenta de produção de saberes populares, capaz de promover o empoderamento das comunidades e a construção de um conhecimento plural e inclusivo. Ao abrir espaço para as múltiplas perspectivas e narrativas, a cartografia social contribui para uma sociedade justa, na qual o saber popular e ancestral é valorizado e reconhecido como um elemento fundamental na construção de um mundo equitativo.



## Nossa prosa CONTEXTUALIZANDO

A experiência de Joana e Tati com a cartografia social já está inspirando a luta e organização de outras mulheres que também desejam mudanças e conquistas de direitos.

**Solange:** Meninas, tenho pensado muito sobre como a cartografia social pode ser uma ferramenta valiosa para enfrentarmos as dificuldades que encontramos em nossas ocupações.

**Joana:** Com certeza! Nas ocupações, lidamos com desafios como falta de infraestrutura e a constante ameaça de despejo. A cartografia social nos permite mapear e registrar nossas necessidades, buscando soluções coletivas.



**Solange:** Podemos criar mapas comunitários que mostrem as áreas de nossa ocupação que necessitam de melhorias, como falta de saneamento básico, falta de iluminação adequada, entre outros problemas.

**Joana:** Além disso, podemos identificar também as habilidades e talentos presentes em nossa ocupação, promovendo a colaboração e a troca de conhecimentos entre as mulheres. Juntas, podemos buscar soluções coletivas para enfrentar as dificuldades.

**Solange:** Gente, a cartografia social nos permite reivindicar o nosso direito à cidade e à moradia adequada. Podemos mapear os espaços vazios e abandonados em nossas ocupações, apresentando propostas de revitalização e ocupação comunitária.

**Joana:** Podemos registrar as melhorias que alcançamos em nossa ocupação e utilizar esses registros como forma de valorizar o nosso trabalho e inspirar outras mulheres em situações. A nossa união é a nossa força!



2

# Vamos fazer juntas?



A Rede Jubileu Sul Brasil, a partir da vivência das cartografias em territórios de Fortaleza, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus e Porto Alegre, têm feito um caminho metodológico que proporciona o levantamento de aspectos importantes no que diz respeito à organização social, política, cultural e econômica, na perspectiva principalmente das mulheres em suas comunidades, afinal de contas são elas que passam maior parte do tempo nos territórios.

Apresentamos a seguir um passo a passo e desejamos que essa partilha sirva como fonte de inspiração. Esse passo a passo pode ser sempre melhorado ou adaptado de acordo com a realidade do território onde se deseja incidir, o importante é tentar garantir o máximo envolvimento da população local.



## ROTEIRO PARA OFICINA SOBRE CARTOGRAFIA SOCIAL

### 1 Horário, local e público

Inicia-se a ação definindo coletivamente por um local e horário para realizar as atividades. Se for necessário, faça um convite virtual ou impresso a ser distribuído nos locais de movimentação da comunidade, em visitas domiciliares ou espaços mais fáceis de encontrar o público desejado. Foque no público que deseja alcançar: mulheres? Jovens? Lideranças comunitárias? Entenda onde quer chegar e com quem quer chegar.

### 2 Organização do espaço e acolhimento

Organize um momento de acolhida para a atividade. O espaço deve estar organizado de forma circular, de forma que todas as pessoas possam se ver. É importante proporcionar o reencontro das pessoas que já se conhecem e também promover o encontro das que estão chegando pela primeira vez. O espaço e o acolhimento devem contribuir para que todas as pessoas se sintam à vontade para participar. Sugerimos que motive para que cada pessoa possa dizer o nome, as expectativas ou motivações para a atividade. Poesia, música, café, comidas que possam ser compartilhadas, são integradoras, ou para iniciar a conversa ou para finalizar.

### 3 Coordenação e registro da atividade

É importante decidir quem vai coordenar ou facilitar a atividade, assim como alguém para ficar responsável por observar e fazer o registro da atividade. Neste momento apresenta o objetivo, as intencionalidades e pode-se perguntar às participantes o que elas também esperam da atividade. Explicitar para o coletivo quais dados e informações pretende-se “cartografar” e porquê. É sempre bom falar para o grupo que:

- Cartografar é mapear um conjunto de informações desse bairro, comunidade ou território, que nos orientem a pensarmos algumas estratégias para termos o bairro, comunidade ou território que queremos;
- Cartografar ajuda a pensar em soluções, mapear os desafios e soluções que podemos alcançar conjuntamente ou unir forças para reivindicações coletivas aos serviços e órgãos públicos competentes.

#### PASSO À PASSO DA CARTOGRAFIA SOCIAL



#### 1º Passo

Por meio de um desenho do mapa geográfico do local, que poderá ser desenhado coletivamente, faz-se o levantamento dos serviços existentes ou as necessidades apontadas pelo coletivo.

Neste passo observa-se pontos como: o que existe no território que tem importância para vocês? O que afeta a vida de vocês? Faltam escola, creche, igreja, mercado, feira, delegacia, associação de moradores, transporte público, posto de saúde, iluminação pública, saneamento, quadra de esporte? Onde estão os grupos de mulheres do território e o que fazem? O que não existe no território, mas que também tem importância pra vocês?

## 2º Passo

Esse levantamento do território compõe a Linha de Base deste local. Ou seja, é o ponto de partida do que temos hoje na comunidade, no bairro ou no território. Linha de Base é o desenho da realidade atual, como a vemos agora. Com a cartografia vamos desenhar e complementar.

O que identificaram, como questões para serem resolvidas:

- A** Regularização fundiária e urbanística;
- B** Geração de trabalho e renda;
- C** Plano de participação comunitária e desenvolvimento social;
- D** Faltam serviços públicos ou são deficientes: escola, transporte público, moradias, saneamento básico, espaços de comercialização da produção artesanal;
- E** Funcionamento do Ecoporto;
- F** Outros.

## 3º Passo


Quem está coordenando ou facilitando a oficina provoca uma reflexão sobre a relação que existe entre o que está no território apresentado, com as questões apontadas no Estudo de Base:

- Os planos da prefeitura e do Estado darão conta das necessidades indicadas na cartografia? Do que não darão conta?
- Os equipamentos públicos que temos aqui estão próximos às casas de vocês? Como chegam lá?
- Como é o atendimento? O que precisa melhorar?
- Quais problemas vocês identificam em cada equipamento?
- O que já temos aqui pode ser melhorado?
- O que precisa ser feito? Como?

## 4º Passo

Quem ou qual instituição pode ser responsabilizada para dar conta de cada problema identificado? Acionada para buscar soluções?

O grupo, as pessoas que moram no bairro, comunidade ou território, têm responsabilidade sobre quais problemas? Exemplo: Qual problema que com o empenho das próprias pessoas pode ser resolvido com facilidade?

 Outras perguntas que podem ser respondidas:

- Quem são os parceiros?
- Quem são os apoiadores?
- Quem são os aliados estratégicos?
- Quais são os poderes públicos que precisamos acionar através de reuniões, audiências?

## 5º Passo

Depois do mapa desenhado e preenchido com a identificação por legendas, desenhos etc. É o momento de fazer uma reflexão coletiva que pode ser com um “cochicho” para identificar se existem semelhanças entre os problemas que identificaram e os de outros bairros, para que possam pensar como podem se articular na defesa de interesses que são comuns.

Como poderiam se articular? Em torno de quais problemas? No campo da produção? Do conflito? Da defesa de interesses e direitos? Na formação política? Dividir as responsabilidades por cada questão e com quem irão se articular.

## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DO COCHICHO



A apresentação do cochicho poderá ser sistematizada em um quadro levantando os principais problemas e potencialidades e os encaminhamentos sugeridos pelo coletivo.

### 6º Passo

É o momento de finalização da oficina, onde é sempre bom saber se as expectativas levantadas inicialmente foram correspondidas. Hora de avaliar o processo, para isso sugerimos algumas perguntas que podem ser modificadas de acordo com a realidade local.

 Como se sentiram participando da atividade?

- Quem gostaria de assumir algum compromisso com o grupo e qual?
- Alguma sugestão a mais?
- O que precisa ser feito? Como?



## CHEGAMOS AO PLANO DE RESPOSTA

Esse caminho metodológico resulta no Plano de Resposta ou no Plano de Ação que deve orientar toda atuação no bairro, comunidade ou território. E com ele, a cada período (seis meses ou mensalmente), a comunidade poderá fazer um monitoramento do que avançou, o que precisa ser ajustado, o que já foi alcançado e o que são vitórias da comunidade.

O Plano de Resposta é uma síntese da cartografia social a partir do desenho da realidade (Linha de Base) da comunidade para o atuar coletivo.



# Experiência na Ação Mulheres





Queremos compartilhar com você alguns elementos da experiência da Ação Mulheres em Belo Horizonte, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

## 1. Quais os principais levantamentos identificados no território?

Foram utilizados desenhos, informações compartilhadas e percepções das mulheres para mapear o território. Foram identificados importantes elementos, como escolas, creches, igrejas, mercados, feiras, delegacias, associações, transporte, postos de saúde, iluminação pública, saneamento, entre outros. Também demos destaque aos grupos de mulheres do território e suas atividades. Além disso, identificamos as ausências, ou seja, o que é importante para as mulheres, mas ainda não está presente no território.



No encontro realizado na Ocupação Vitória, em **Belo Horizonte (MG)**, o foco foi a cartografia afetiva, na qual as moradoras foram convidadas a compartilhar suas percepções sobre a comunidade e o entorno. Durante a atividade, foram levantadas questões como a existência de uma horta comunitária restrita a um grupo específico e a possibilidade de criação de um parque ecológico próximo à ocupação Alto das Antenas.

As moradoras expressaram o desejo de fortalecer grupos produtivos voltados para o artesanato, culinária e silk screen, bem como a necessidade de uma feira para comercializar os produtos tanto na comunidade, quanto em áreas com maior poder aquisitivo. Também foram mencionadas carências de serviços, como salão de beleza, costureira, produtos de limpeza e horta/temperos caseiros.

Outras preocupações apresentadas incluíram a falta de serviços públicos na comunidade, como coleta de lixo, transporte público, escola e atendimento do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Houve relatos de vivências de violências institucionais, principalmente por parte dos servidores da saúde.

Durante o encontro, as participantes tiveram a oportunidade de se apresentar e reconhecer as lutas uma das outras, fortalecendo a união em busca de melhores condições de vida. Foi apresentado um mapa elaborado em 2019, construído em colaboração com a comunidade, que serviu como base para a elaboração de um Plano de Resposta e para enfrentar a retirada das famílias, uma proposta da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

As moradoras indicaram no mapa suas localizações residenciais, nomes de ruas e setores, assim como a preferência por equipamentos públicos. Houve discussões sobre a localização de escolas e creches, considerando a distância um problema e outras reconhecendo a falta de espaço central disponível.

Foram mencionados projetos em andamento, como uma fazenda urbana e a possibilidade de um CRAS e um Centro de Saúde dentro da Ocupação Vitória, destacando um lote disponível na Rua Jacarandá.

Também foram mencionados serviços desejados, como academia da cidade, transporte público adequado, melhorias nas vias e calçamento, centro cultural, centro de prevenção à criminalidade, coleta de lixo, tratamento de esgoto, serviço de controle de zoonoses e melhorias de segurança em uma trilha próxima a uma estação de metrô e ônibus.

Além da equipe da Rede Jubileu Sul, foram mencionados parceiros que atuam na comunidade, como as Brigadas Populares, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e advogadas populares.



Em **Porto Alegre (RS)** aconteceu uma caminhada pela Ocupação Vida Nova, com as moradoras distribuindo bandeiras vermelhas e verdes para indicar pontos negativos e positivos, respectivamente. Durante o percurso, as participantes lembraram de outras questões relevantes para a cartografia da comunidade. Foram observadas diferenças nas ruas, como falta de asfalto, presença de buracos e esgoto a céu aberto. Também foram identificadas antenas de alta tensão que representavam riscos para as famílias.



Outra cidade em que a metodologia da cartografia social foi aplicada foi no **Rio de Janeiro (RJ)** onde as mulheres sinalizaram nos mapas os equipamentos públicos e culturais acessíveis e os que não são acessíveis. Questões como transporte, educação, saúde, cultura e lazer foram destacadas nos mapas.

Também chamou atenção a falta de transporte público, infraestrutura precária e a distância entre as ocupações e outros bairros. A educação e a saúde também foram pontos importantes. Houve destaque para a insegurança na moradia, falta de creches, escolas, médicos especialistas e acesso à cultura e lazer.



Em **Salvador (BA)** as participantes destacaram a falta de médicos e a precariedade no atendimento nos postos de saúde, a falta de segurança e iluminação nas áreas das ocupações, a falta de professores e alimentos vencidos nas escolas, as deficiências no transporte público, a falta de saneamento básico na ocupação e a dificuldade em legalizar os terrenos.

A cartografia social nestes territórios levantou diversos problemas que são semelhantes em cada um deles. Ou seja, podemos observar que cartografar os territórios nos permite essa visão do todo, a partir das particularidades.

## 2. Sobre o que conversamos?

Com base no levantamento do território, foi aprofundada a análise e mapeadas as questões que precisam ser resolvidas. Isso incluiu a regularização fundiária e urbanística, geração de trabalho e renda, plano de participação comunitária e desenvolvimento social, a falta de serviços públicos ou deficiências nos existentes.



Em **Fortaleza (CE)** as participantes foram divididas em grupos, onde discutiram coletivamente e desenharam em cartolinas as principais demandas identificadas. Após essa etapa, cada grupo apresentou suas visões, revelando demandas comuns entre elas, como a necessidade de iluminação pública de qualidade, saneamento básico, acesso a serviços de saúde e educação, além de espaços de convívio social e lazer. Durante a oficina, também foi ressaltada a importância da moradia digna como um conceito que engloba condições plenas de vida, além do simples abrigo. Foi destacado o papel das mulheres na comunidade e a necessidade de fortalecer sua organização política, como a criação de associações e redes de apoio.

A importância da participação local e da mobilização para a busca de soluções foi enfatizada, assim como a possibilidade de acionar instituições externas, como o Ministério Público, para denunciar negligências.



No território de **São Paulo (SP)** as ações foram renomeadas como “Cartografia Itinerante”, que visa contemplar a rotatividade das mulheres imigrantes que residem no local. Foram realizadas quatro oficinas cartográficas, envolvendo principalmente mulheres provenientes de Angola e da República Democrática do Congo.

Durante as oficinas, foram realizadas diversas abordagens, como rodas de escuta, oficinas de arte e diálogos sobre religião, família, identidade cultural, acesso à cidade, serviços públicos e comércio local. Devido à dificuldade de escrita em português por parte das participantes, foram utilizadas metodologias diversificadas para



promover a interação e o entendimento. Uma dessas formas foi promover caminhadas na região para que elas percebessem o território para além da casa que as acolhe, o que ele oferece e como acolhe ou repele quem chega, como é o caso do racismo e da xenofobia à população migrante.

Os registros obtidos durante as atividades foram compilados em um painel, no qual foram discutidas as possibilidades de engajamento político das mulheres, políticas voltadas para a população, projetos de lei e questões relacionadas à moradia, trabalho e renda. Essas iniciativas visam fortalecer a participação e a inserção dessas mulheres na sociedade, além de promover o diálogo e a conscientização sobre seus direitos e oportunidades.

É possível perceber que em cada território a cartografia social pode ser trabalhada conforme o público envolvido e os temas são motivados por essa realidade e o seu entorno.

### **3. Análise e reflexão do que aprendemos**

Foram realizadas reflexões críticas sobre a relação entre o levantamento do território e as questões levantadas na cartografia social. Analisamos se os planos da prefeitura e do Estado são suficientes para atender às necessidades identificadas. Também avaliamos a proximidade dos equipamentos em relação às residências das mulheres, o atendimento nos serviços existentes e os problemas identificados em cada um deles. Buscamos identificar formas de melhorar o que já existe e como isso pode ser feito.

Cada região enfrentou dificuldades específicas, como restrições de acesso, questões de segurança, falta de estrutura, rotatividade das participantes, entre outros obstáculos. No entanto, apesar dessas adversidades, as experiências positivas e as lições aprendidas demonstraram o valor e o impacto da cartografia social.

Uma das principais lições aprendidas foi a importância da participação ativa das mulheres e das comunidades envolvidas. Foi notável o interesse, o engajamento e o desejo de contribuir das mulheres, que trouxeram perspectivas valiosas sobre seus territórios e demandas. O envolvimento das crianças e da juventude também se mostrou significativo, proporcionando olhares frescos e genuínos sobre as comunidades.

A criação de espaços de diálogo entre as mulheres fortaleceu o sentimento de pertencimento, a solidariedade, o afeto e o cuidado mútuo. A troca de experiências possibilitou a identificação de questões comuns e a busca por soluções conjuntas.

#### 4. Boas experiências juntas

Uma das boas experiências vivenciadas em **Manaus (AM)**, foi a participação ativa das comunidades Nova Vida e Coliseu 1, que demonstraram interesse em compartilhar informações e proporcionaram um ambiente propício para o trabalho da equipe. O envolvimento das crianças também foi destacado, pois elas contribuíram de maneira significativa para o mapeamento, trazendo perspectivas únicas.

As refeições foram uma experiência positiva que fortaleceu os laços entre as participantes, criando um ambiente de conexão e colaboração.



O olhar das mulheres sobre suas comunidades foi valorizado, pois trouxeram perspectivas e percepções valiosas que enriqueceram o mapeamento.

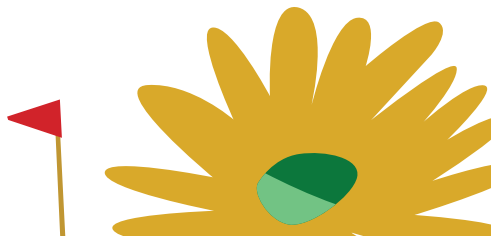
No entanto, também foram identificadas algumas dificuldades, como o acesso restrito a determinados locais, a falta de infraestrutura e a ausência de políticas públicas. Esses desafios ressaltaram a importância da organização da comunidade e da busca por soluções coletivas. Essa percepção foi sentida em todos os territórios onde a cartografia foi aplicada.

Essas boas experiências e lições aprendidas demonstram o potencial da cartografia social como ferramenta de empoderamento das comunidades e de identificação de demandas e necessidades locais que devem ser enfrentadas coletivamente.

Já nas comunidades de **Belo Horizonte**, uma das principais lições aprendidas foi a importância da coletividade em todas as etapas da cartografia. A participação ativa e engajada da comunidade foi fundamental para o sucesso da atividade. O trabalho em conjunto permitiu que diferentes perspectivas fossem compartilhadas e consideradas na análise dos espaços e na construção de propostas.

A utilização de recursos materiais também se mostrou valiosa. A visualização dos espaços por meio de mapas, fotografias ou outros recursos auxiliares ajudou na compreensão e reflexão sobre o território. Esses recursos possibilitaram um diálogo mais efetivo e contribuíram para que as propostas fossem construídas de forma participativa, levando em conta as percepções e necessidades da comunidade.

Essas experiências destacam a importância de valorizar o conhecimento local e o olhar da comunidade nas atividades de cartografia social. Ao trabalhar de forma coletiva e participativa, é possível criar propostas mais alinhadas com as demandas e desejos da população, promovendo uma maior aproximação entre a comunidade e seu território.





## 5. Encaminhamentos e responsabilidades

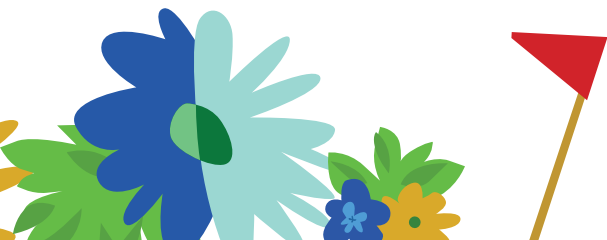
Foram identificadas instituições e poderes públicos que podem ser responsabilizados para solucionar diversos dos problemas identificados. Discutimos a responsabilidade do grupo em relação aos problemas e quais deles podem ser resolvidos por meio da atuação coletiva. Identificamos também parceiros, aliados estratégicos e poderes públicos que precisam acionar por meio de reuniões, audiências e demais formas de mobilização.

Essa sistematização da experiência das cartografias sociais nos permite reconhecer o protagonismo das mulheres na transformação do território. Juntas, temos o poder de enfrentar os desafios e buscar soluções que atendam às nossas necessidades e promovam o desenvolvimento comunitário.

**A cartografia social é uma ferramenta poderosa para fortalecer nossas vozes e conquistar um futuro mais justo e igualitário.**

Pelo fato de serem as mulheres que passam maior parte do seu tempo na comunidade, cuidando das crianças, da casa, elas acabam vivenciando a realidade do território com mais propriedade. São as mais afetadas, assim como também as crianças, pelas distâncias, condições de acesso à escola ou creche, a falta de água e saneamento básico.

Presenciam a violência doméstica na vizinhança e outras violências que estão presente nas comunidades, sendo muitas vezes as mulheres as que dão o apoio às companheiras vítimas de violência, haja visto que o serviço de segurança pública não chega a tempo, dentre tantos outros problemas do cotidiano local.



## Nossa prosa

### CONTEXTUALIZANDO



Após realizar a cartografia social, Joana e outras mulheres pensam em como podem usar as informações e apresentar para autoridades públicas da cidade as necessidades da comunidade.

**Denise:** Ao fazer a nossa cartografia social vimos muitos desafios em nosso caminho, mas também encontramos força e solidariedade em nossa comunidade.

**Estela:** Precisamos usar esse mapa para reivindicar melhorias e lutar por nossos direitos!

**Denise:** Vamos listar as melhorias que queremos ver na nossa ocupação e pensar em como podemos alcançá-las.

**Estela:** Diante das autoridades de nossa cidade vamos dizer: "Estamos aqui para buscar o apoio necessário para tornar nossa ocupação um lugar melhor para viver".

Essa história retrata a jornada das mulheres e das crianças em uma oficina de cartografia social. Elas exploram o território, identificam problemas e, em seguida, se reúnem para refletir sobre suas descobertas. O objetivo é capacitar as participantes a utilizar o mapa como uma ferramenta para reivindicar melhorias e promover mudanças positivas em sua comunidade. Por meio da cartografia social elas se fortalecem e se unem para enfrentar os desafios e construir um futuro mais justo e igualitário em sua ocupação urbana.

## 6. O que aprendemos?

O resultado dessa atividade indica que as pessoas vivem um processo de migração à procura de um lugar para viver. Suas trajetórias de vida são marcadas pelo sofrimento e as desigualdades, decorrentes da expulsão de suas casas e da exploração em relação ao trabalho. Entretanto, um fator importante que apareceu nas atividades foi a forma como ocorre a organização social dos grupos, com uma admirável participação nas ações pensadas para a luta. Essas mulheres conseguem conhecer os seus direitos e mantêm a esperança de conseguir um teto, conquistar direitos e defendê-los.

Em relação ao processo da cartografia social, verificou-se que a importância dessa metodologia está em possibilitar o reconhecimento das pessoas e de identificar o local onde vivem. O processo de elaboração desse instrumento cria espaços de reflexões sobre a conjuntura política local e nacional. Além disso, evidencia a sua relação com os conflitos urbanos e as suas procedências históricas, possibilitando o fortalecimento de discursos e a busca de resoluções dos conflitos envolvidos nas experiências cotidianas. Isso facilita que essas mulheres se reconheçam nos processos políticos enquanto protagonistas. É no tecer das histórias de vida que se entrecruza o processo de construção de uma identidade e a luta se forja. Por meio da luta, eles e elas produzem saberes políticos e sociais.

Ademais, a educação popular é a matriz do debate das mulheres, as quais, através dos temas geradores e das rodas de conversa, realizam reflexões críticas sobre a realidade e as suas possíveis transformações.

Nesse sentido, de forma variada, as resistências devem ser alternativas para combater, com ações diversas, todas as dificuldades que atingem as comunidades e as pessoas que ali vivem. Por isso, verificou-se nos diálogos que se entrecruzaram no debate sobre a luta pela terra e pelo teto, ocorrido nas oficinas de cartografia e de história de vida, que as

mulheres desejam uma sociedade livre de opressão, de exploração e de exclusão. E, sobretudo, que a produção do conhecimento realizado na perspectiva da organização da luta, da mobilização favorece o acesso à produção dos saberes e se coloca como estratégica para a defesa dos direitos.

A cartografia social nos coloca frente a frente com elementos presentes no dia a dia, mas camuflados pelo sistema, como a luta de forças entre os direitos fundamentais de todas as pessoas, o lucro para os ricos e o aprofundamento da dívida pública. Nesta equação a proposta não é facilitar a obtenção de uma solução, ao contrário, esse sistema precariza os territórios e a vida de quem vive nele. Nesta equação a desigualdade social fica evidente e, motivada pelas elites, para a qual menos direitos para a população que deles necessita, significa mais lucro para quem vive da exploração das pessoas e desses espaços. Portanto, o resultado só pode ser mais dívida social. Essa reflexão esteve presente ao longo das cartografias, pois entendemos que a formação política deve estar associada aos processos de empoderamento.

As dívidas financeiras, sociais, ambientais, humanas e políticas ficaram evidentes nestes processos de cartografar os territórios. Essas dívidas são mantenedoras de todas essas violações de direitos das quais tratamos porque, desde a sua origem, foram contraídas mediante pressão, suborno, ciladas, ilegalidades e condicionalidades ou mesmo expulsão de quem vive nestes territórios.

A Rede Jubileu Sul Brasil compreende que a formação e a educação popular são maneiras fundamentais para realizar os enfrentamentos ao sistema capitalista que impõe perdas de direitos e gera dívidas. Mobilizando, fortalecendo e articulando a produção de pensamento crítico acreditamos que as atuais dinâmicas de opressão e exploração sobre os corpos e as vidas das pessoas acumuladas pelo sistema do capital, serão banidas.



## Bibliografia

GORAYEB, A; MEIRELES, A. J. A; SILVA, E. V. Cartografia social e cidadania: experiências do mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Editora: Expressão gráfica, 2015.

.....

ANDIM NETO, F.O; COSTA, N. O; PEREIRA FILHO, N.S; GORAYEB, A. A cartografia social na comunidade Waldemar de Alcântara: instrumento de luta por melhores condições de vida. Anais do Primeiro Congresso de Extensión de la Asociación de la Universidades del Grupo Montevideo – AUGM. Extenso 2013. Disponível em [http://formularios.extension.edu.uy/ExtensoExpositor2013/archivos/519\\_resumen892.pdf](http://formularios.extension.edu.uy/ExtensoExpositor2013/archivos/519_resumen892.pdf) Acesso em 05 de julho de 2023.

.....

ALBERDI, R. Aportes de la cartografía social al desarrollo sustentable: un enfoque desde el territorio.2012. Disponível em: [http://fich.unl.edu.ar/CISDAV/upload/Ponencias\\_y\\_Posters/Eje05/Alberdi\\_Ramiro/Alberdi\\_Aportes\\_de\\_la%20CartografiaSocial\\_desarrolloSustentable.pdf](http://fich.unl.edu.ar/CISDAV/upload/Ponencias_y_Posters/Eje05/Alberdi_Ramiro/Alberdi_Aportes_de_la%20CartografiaSocial_desarrolloSustentable.pdf). Acesso em 05 de julho de 2023.

.....

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

.....

SOUSA, Clarilza Prado de et al. Representações sociais: estudos metodológicos em educação. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011.

# Expediente

JUBILEU SUL BRASIL

## Colaboraram nesta publicação

Ada Ponte Jereissati  
Alessandra Miranda  
Ana Paula Evangelista  
Aparecida Mercês  
Carolina Mendonça  
Cristiane Lopes  
Francisca A. Ferreira  
Francy Junior  
Gorete Gama  
Jamile Mallet  
Joseanair Hermes  
Josilene Passos  
Juliana Possani Kirsch  
Karla Monteiro  
Kelly Barbosa  
Magnólia Said  
Marcela Vieira  
Maria Beatriz de Oliveira  
Raimunda Oliveira  
Raissa Lazarini  
Rosilene Wansetto  
Sandra Quintela  
Taciane Soares

## Assessoria Administrativa

Andreia Pereira Nascimento  
Lucimeire Araújo Paludette

## Coordenação de comunicação

Flaviana Serafim  
Jucelene Rocha

## Projeto Gráfico e Ilustração

Rachel Gepp

## Contato

secretaria@jubileusul.org.br  
www.jubileusul.org.br

## Ano

2023



O conteúdo desta publicação é de responsabilidade exclusiva da Rede Jubileu Sul Brasil e Rede Jubileu Sul/Américas. Não necessariamente representa o ponto de vista dos apoiadores, financiadores e co-financiadores: Instituto de Relações Exteriores – IFA, Ministério das Relações Exteriores Alemão, Programa de Financiamento Zivik, Catholic Agency for Overseas Development (CAFOD), DKA Áustria - Agência de cooperação de Katholische Jungschar e União Europeia.

[www.jubileusul.org.br](http://www.jubileusul.org.br)


 @redejubileusul

 @jubileusul

 @jubileuSul

 Jubileu Sul Brasil JS/BR

[www.ssb.org.br](http://www.ssb.org.br)

 @ssbrasileira

 @ssbrasileira

 @SSBrasileira

 @SSBrasileira

[www.cmpbrasil.org](http://www.cmpbrasil.org)

 @cmpbrasil

 @cmp.brasil

 @CMP Brasil

Realização



Parceria



SSB

Apoio

 ife Institut für  
Auslandsbeziehungen



Federal Foreign Office

 CAFOD  
Catholic Agency for  
Overseas Development

 DKA Austria  
Hilfswerk der Katholischen Jungschar



  
Cofinanciada pela  
União Europeia